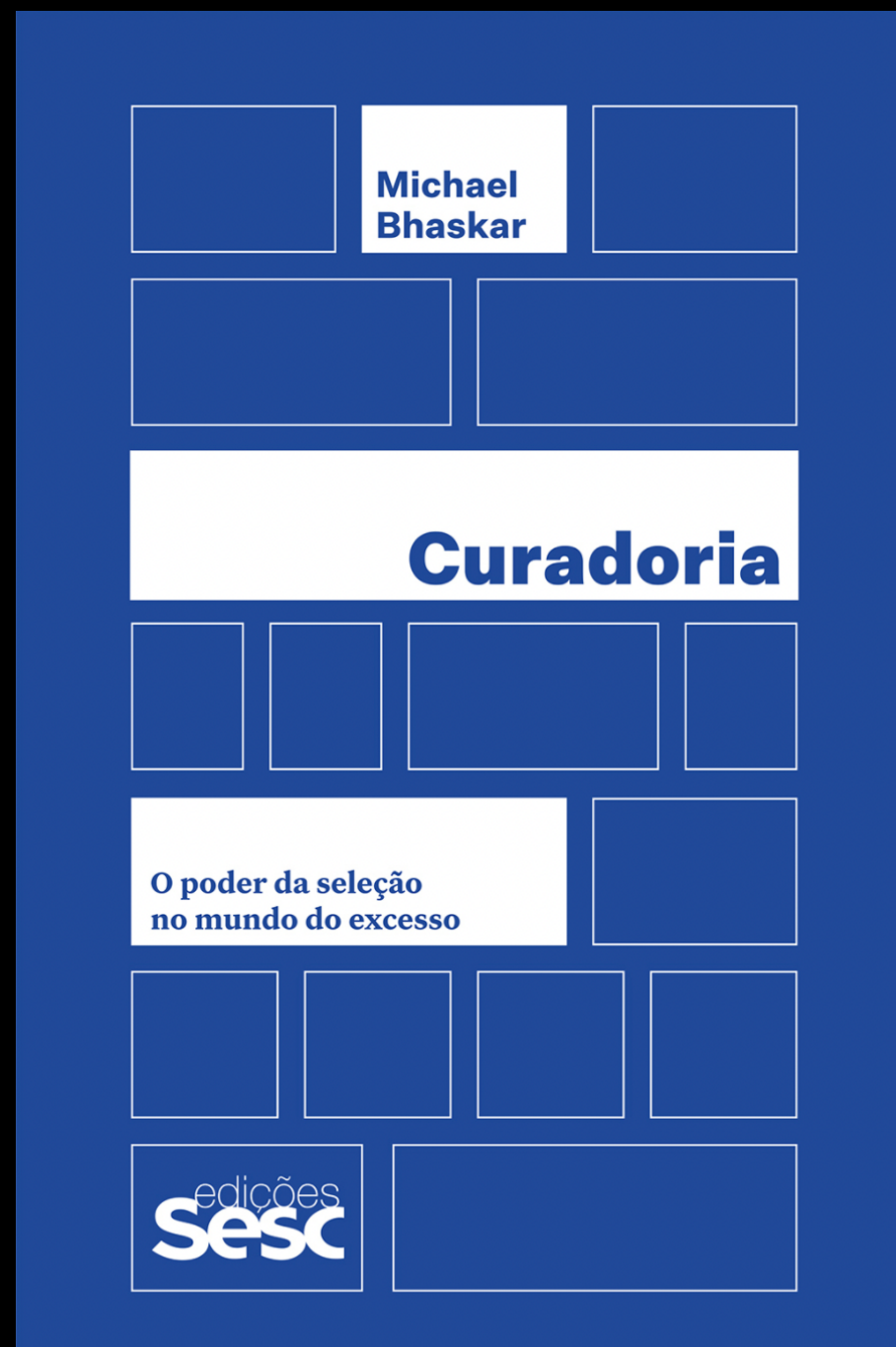


A Revista Vazantes aceita envios de obras para realização de resenhas e traduções à publicação. Saiba mais diretamente através de nosso email revistavazantes@gmail.com e/ou em contato com o projeto IN:Tencionar via profmilena@manifesto21.tv



> André Luís Castilho Pitol | **Curadoria: o poder da seleção no mundo do excesso*** – uma resenha

I Resumo: O livro *Curadoria: o poder da seleção no mundo do excesso*, escrito pelo pesquisador e editor digital inglês Michael Bhaskar, foi traduzido para o português e publicado no Brasil em 2020. O autor busca na análise do termo curadoria uma possibilidade para compreender um pouco melhor a complexidade a que estamos imersos no mundo atual, de sobrecarga de dados e de informações, de possibilidades desenfreadas, mas sem muitas indicações claras de como produzir sentido ou resolver parte dos problemas do antropoceno. Através de múltiplos exemplos e contextos, e pela criação de várias definições de princípios e efeitos que permeiam a atividade curatorial, Bhaskar nos oferece um estudo atualizado a respeito da curadoria e seus meandros.

I Palavras - chave: Curadoria. Seleção. Arranjo. Exposição. Informação digital.

> André Luís Castilho Pitol é pesquisador em projetos e cursos sobre fotografia, história da arte e curadoria. Estudou na Fundação das Artes de São Caetano do Sul e na Escola de Comunicações e Artes da USP onde concluiu mestrado e é doutorando com pesquisa sobre a curadoria de projetos artísticos no Leste Europeu. É integrante do Grupo de Pesquisa em Arte, Design e Mídias Digitais.
E.mail: pitolpitolpitol@gmail.com

ORCID 0000-0002-2723-6676

* Michael Bhaskar. *Curadoria: o poder da seleção no mundo do excesso*. Trad. Érico Assis. São Paulo: Edições SESC, 2020.

André Luís Castilho Pitol | **Curation: The Power of Selection in a World of Excess – a review**

Abstract: The book *Curation: The Power of Selection in a World of Excess*, written by the English researcher and digital editor Michael Bhaskar, was translated into Portuguese and published in Brazil in 2020. The author seeks in the analysis of the term curation a possibility to understand a little better the complexity to which we are immersed in the current world, which there are data and information overload and unbridled possibilities, but without many clear indications of how to produce meaning or solve part of the problems of the Anthropocene. Through multiple examples and contexts, and through the creation of several principles definitions and effects that permeate curatorial activity, Bhaskar offers us an updated study on curation and its intricacies.

Keywords: Curation. Selection. Arrangement. Exhibition. Digital information.

O ano de 2020 ficará marcado como um período de inflexão ou aceleração singular de diversas questões sociais, ambientais e tecnológicas em nossa sociedade, como o aquecimento global, crises sanitárias, produtividades desenfreadas, sobrecargas informacionais e a digitalização do mundo e da arte. Esse ano também permanecerá como o momento onde o tema da curadoria intensificou-se e espalhou-se de maneira quase onipresente, em diferentes contextos, principalmente na internet.

De maneira bastante intuitiva e sistematizada, foi possível perceber como a discussão em torno da curadoria circulou em reportagens, debates, podcasts, nas redes sociais e em listas de discussão de uma maneira profusa. E foram recorrentes os questionamentos como “O que é um curador?”, “Quais são as novas curadorias?”, “O que é curadoria em artes visuais?”, “Qual o lugar da curadoria e dxs curadorxs?”, “Como são os caminhos da atividade curatorial?”.

Não é coincidência, pois, que a Edições Sesc São Paulo lançou o livro *Curadoria: o poder da seleção no mundo do excesso*, escrito por Michael Bhaskar, originalmente em 2016, e traduzido do inglês por Érico Assis. Bhaskar é descrito como escritor, pesquisador e produtor de conteúdo digital. Essas três ocupações principais ajudam a contextualizar as relações entre ele e a indústria criativa, o mundo tecnológico, das mídias e outras iniciativas na web perpassam a sua formação em literatura inglesa, envolvendo-o profissionalmente no mercado editorial. Essa faceta profissional abarca a onda de digitalização em geral e do

mundo editorial em específico, como o fenômeno dos *e-books* por volta dos anos 2010, processo que marca o interesse inicial do autor para a escrita de *Curadoria*.

A tese central do livro gira em torno de como o amplo uso do conceito de curadoria na atualidade vincula-se ao excesso generalizado de um mundo em processo de datificação, diante do qual necessitamos cada vez mais de vias substanciais capazes de produzir mais sentido e relevância em nossas atividades cotidianas e profissionais. Vias que, segundo o autor, visam a *redução da complexidade e a criação de valor*. Aliás, esse é um aspecto central da própria definição operacional de curadoria proposta no começo do livro: *curadoria é o emprego de práticas de seleção e arranjo, (além de refino, redução, exposição, simplificação, apresentação e explicação) para somar valor*.

A suposta onipresença da curadoria também faz com que Bhaskar se esforce para responder “por que a curadoria virou um modismo?” (p. 15). Ele aponta como hoje a curadoria abrange o entusiasmo, o desdém, a dispersão, a intensidade, a desconfiança e a resistência de vários grupos, desde aqueles que utilizam o termo de maneiras peculiares, quanto aqueles que usam a popularização do termo como justificativa de sua deturpação. Mas, se a curadoria se tornou maleável e até oportunista, Bhaskar deixa claro que a curadoria é o *melhor que temos*, no sentido de ser uma abordagem que pode nos ajudar a reconhecer como nossos problemas evoluíram para o que somos hoje, “uma maneira de englobar uma ideia recente e proeminente ou um conjunto impreciso de processos e

atividades” da nossa realidade em mutação. (p. 18).

O debate proposto é apresentado como um compilado de histórias e exemplos advindos das redes sociais, do comércio de aplicativos, das *start-ups* de *streaming* audiovisual, do mundo corporativo (tecnológico e financeiro), do campo artístico, da explosão pontocom, da arquitetura e até do mercado de geleias. Também vale a pena acompanhar o diálogo que o autor estabelece com a personagem Lisa, uma espécie de personificação de como os tópicos discutidos no livro influenciam não apenas as instituições, mas principalmente os agentes nelas envolvidos, assim como os indivíduos inseridos na sociedade de uma maneira geral. *Curadoria* desdobra-se em três partes principais, onde são expostos *O Problema*, *A resposta* e *A realidade*, que servem como fio condutor para organizar os onze capítulos do livro.

Os três primeiros capítulos nos oferecem *O Problema* da curadoria. Neles, Bhaskar desenvolve a ideia da Expansão Prolongada, fenômeno de crescente produtividade material, informacional e crescimento humano. Ele foi iniciado com a automação da produção têxtil, perpassou a eletrificação das fábricas e sua infraestrutura (transportes e telecomunicações), em direção à revolução computacional que contou com o emprego da tecnologia digital. Atualmente esse processo de transição das condições de escassez para as condições de abundância e excesso envolve o que o autor chama de *Sobrecarga*, um sintoma que corresponde aos modos como nós explicitamos e respondemos à Expansão, seja na esfera

profissional, cognitiva, material ou pessoal.

E sendo essa uma realidade complexa, que evidencia os aspectos não apenas tecnológicos, mas culturais, Bhaskar dedica-se também ao *mito da criatividade*, especificamente em como a produtividade, a aceleração dos fluxos e a saturação das coisas também nos auxiliam a elaborar alguns dos mitos. Por exemplo, “a ideia de que criação e criatividade são intrinsecamente boas”, um debate que lida com o jogo entre quantidade e qualidade, e como uma variável influencia a outra, potencializando ou prejudicando seu par. Outro mito, presente particularmente no campo artístico, diz respeito à suposta desvalorização do “não criativo”, na medida em que se produz uma diferenciação, e com isso uma separação entre “criador” e outros agentes, como editores, críticos e curadores.

A partir dos mitos acima esmiuçados, juntamente com a referência do trabalho de Arthur Koestler sobre criatividade, Bhaskar conclui que a criatividade se refere mais ao arranjo do que à originalidade. Ela provém da síntese de ideias já existentes, que se combinam e se recombinaem em novos níveis de complexidade, raciocínio que pode ser aplicado tanto à criatividade artística quanto à inovação tecnológica. O que leva Bhaskar a retomar a curadoria, no sentido de perceber que, em se tratando de arranjo e combinação, “podemos começar a ver que a criatividade sempre conteve elementos do que hoje chamamos de curadoria” (p. 67).

Os três capítulos da segunda parte do livro nos oferecem a *resposta* do problema, e

são dedicados à contextualização da curadoria em termos de suas origens e significados, os princípios operacionais de *seleção e arranjo*, assim como os efeitos colaterais da atividade curatorial.

As origens da curadoria que Bhaskar traça são perpassadas pela noção de *economia da curadoria*. O autor procura mostrar como, no decorrer da segunda metade do século XX, a figura do curador passou a ser compreendida a partir de parâmetros ligados a uma conjuntura de mercantilização do circuito artístico junto ao mundo dos negócios e da tecnologia, de modo que sua função foi paulatinamente sendo reconhecida e aplicada em outras áreas. Assim, o foco da curadoria não se encontrou apenas “nas artes, nem na história da curadoria, mas em seu potencial e nas aplicações possíveis neste nosso mundo capitalista pautado pelo digital”, conforme aponta o professor Martin Grossmann, que assina a orelha do livro.

Esta transformação na noção de “curadoria artística” para “curadoria de conteúdo” também está ligada ao contexto de criação da interface *web* da internet, pois foi na década de 1990 que a curadoria e seus termos equivalentes *curador* e *curar* tornaram-se sinônimos de “escolha pessoal”, “opção”, “seleção” e “arranjo”. A potencialização hipermidiática de imagens, textos, hipertexto e sons são atualizações nodais das mídias digitais, o que nos tornou “criadores e editores, também nos transformou em curadores” (p. 82).

Bhaskar dedica uma atenção especial para as práticas de seleção e de arranjo, tidas

por ele como a base operacional da atividade curatorial. A respeito de como a prática da seleção responde ao contexto da sobrecarga resultando da Expansão Prolongada, Bhaskar nos fala da passagem do Modelo de Seleção Industrial, – com o oferecimento de processos e produtos em larga escala, mas opções restritas – para o Modelo de Seleção Curatorial, cuja variedade de opções é combinada com a prioridade da seleção por parte do público. Por exemplo, os serviços de *streaming*, que se preocupam em oferecer não apenas uma grande quantidade de conteúdo para públicos com preferências diversas como também faz uso de algoritmos e tagueamentos para tentar compreender como realizar tal oferecimento personalizado. Já no que se refere ao arranjo curatorial, Bhaskar discute o papel-chave que é a maneira como dispomos, organizamos, expomos, justapomos e ordenamos os elementos da seleção, principalmente por meio das técnicas como o enquadramento, a ancoragem e a padronização. O objetivo é tirar o máximo proveito que temos em mãos. Segundo Bhaskar, “não é à toa que a arte do arranjo como disciplina profissional começou em museus e galerias, onde as coisas exigem arranjos segundo esquemas complexos” (p. 144). Curadores arranjam, enquadram, criam contextos, e com isso reinventam as mídias e as culturas da nossa contemporaneidade.

Os princípios de seleção e arranjo geram os *efeitos da curadoria*, que o autor indica como sendo uma área cinzenta e flexível, uma fronteira difusa em que a curadoria “coincide com outras técnicas, estratégias e disciplinas que vão do design de produtos à edição de

texto, da taxonomia biológica à boa e velha contação de histórias” (p. 146). Esses efeitos abrangem as atividades de: a) *redução e refino*, que se comportam como um efeito do princípio de seleção, e diz respeito ao que a “curadoria faz o menos ser mais” (p. 147); b) *simplificação*, vinculado à discussão da curadoria como uma atividade de gestão da complexidade, como nos arranjos intuitivos das interfaces digitais e seus painéis gerenciais; e c) *categorização*, como a rotulação das coisas do mundo do sistema de nomenclatura binominal do cientista Carlos Lineu, que auxiliam em nossos processos de memorização.

E, para além dos principais subprodutos vinculados aos princípios da curadoria, Bhaskar acrescenta outras ações relacionadas à seleção e arranjo, como: a) “Exposição e apresentação”, ou como a curadoria tem em seu cerne um diálogo com o elemento visual ou performático, que perpassa a cultura visual ou o *design thinking*; b) “Explicação e contação de histórias”, a capacidade de identificação de padrões, acentuando seus aspectos importantes a fim de alcançar uma compreensão diversificada; e c) “Preservação e proteção”, que abarca tanto a noção latina de *curare*, com o armazenamento, preservação e documentação de coleções, quanto diz respeito ao *kuratorium* germânico, voltado à gestão e administração dessas coleções.

Por último, *O Problema e A Resposta* dão lugar à terceira parte do livro: a realização de comentários a respeito da *Realidade* envolvida na discussão. Bhaskar apresenta cinco tópicos onde encontramos claramente os princípios e efeitos da curadoria em funcionamento.

A curadoria do mundo focaliza como as práticas de seleção e arranjo começam a ter impacto nos negócios mundiais, de maneira que a curadoria passa a alterar as cadeias do trabalho, nos quais o autor chega a propor algumas categorias binárias para pensar a curadoria do mundo, em termos de *curadoria explícita e curadoria implícita*. Já a curadoria da cultura é trazida pelo autor pela mixagem musical, pela cena dos DJs e pela digitalização e pirataria MP3. Segundo Bhaskar, a “indústria musical começou a fazer a transição das tecnologias de produção para as tecnologias de curadoria” (p. 198), e isso graças à sobrecarga auditiva que enfrentamos e à concorrência de ofertas do digital.

Com a curadoria da internet, ficamos sabendo que os diversos dispositivos conectados à dimensão única da “*internet das coisas*” apontam para os papéis desempenhados pelos indivíduos, serviços e protocolos na “descoberta da variedade”, como na filtragem de aplicativos que varrem diariamente a sobrecarga de notícias. E com relação à curadoria dos negócios, Bhaskar retoma a aproximação já realizada entre a aceitação ou rejeição nos sentidos aplicados à curadoria no mundo dos negócios com a curadoria artística, indicando a aproximação da curadoria nos dois campos como *um protótipo avançado do mundo do trabalho*. Por último, o autor comenta a dimensão da curadoria de si mesmo, tida por ele como a fronteira da curadoria, onde a seleção performática de cada um de nós se dá à maneira em como nos referimos às nossas vidas para o mundo externo, e também de nossas experiências, que se manifestam no “anseio pela variedade, pelo novo e pela

diferença” (p. 272), inclusive em como nossas experiências e nossas identidades tornam-se cálculos.

Para finalizar, podemos retomar os enunciados apresentados no início da resenha e respondê-las com o registro que Michael Bhaskar faz dos resultados de buscas em páginas na internet sobre o termo *curadoria*. O autor conclui que “o interessante é que muitas buscas demonstram confusão. O público quer definições [e] saber quais são os instrumentos para ser curador” (p. 87). Desta forma, *Curadoria: o poder da seleção no mundo do excesso* alcança o leitor de língua portuguesa em um momento de tsunami de dados e necessidades de produção de sentido; no qual a produção de um sem número de listas e mapeamentos de curadores, plataformas e iniciativas similares formam uma gama qualitativa que varia em termos de refino ou valor devido. Ao ressaltar tais campos, e independente de qual seja o público e qual sua aceitação ou identificação para com o conceito, “já vivemos no mundo da curadoria”.